

História e Identidade em uma Cidade de Colonização

Alemã no Sul do Brasil

O caso de Santa Cruz do Sul

Mateus Silva Skolaude¹ (UNISC)

Resumo:

Santa Cruz do Sul localiza-se na região central do RS. É conhecida economicamente pela inter-relação do sistema agroindustrial do tabaco e por ser pólo de desenvolvimento na região denominada Vale do Rio Pardo. Caracteriza-se, também, pelo predomínio de uma narrativa identitária germânica, uma vez que a região foi um dos principais núcleos de colonização alemã no sul do Brasil. Desta forma, esta comunicação propõe uma reflexão sobre os dispositivos envolvidos na construção do discurso étnico germânico, no caso da historiografia oficial e da imprensa escrita regional e os seus desdobramentos junto à comunidade afro-descendente residente neste município, buscando assim, verificar como os conflitos, as práticas, as negociações e as experiências deste grupo estão articuladas em torno de redes discursivas e práticas sociais que atuam diretamente no processo de subjetivação e representação desses sujeitos em relação ao pertencimento comunitário.

Palavras-chave: Santa Cruz do Sul; narrativa identitária germânica; comunidade afro-descendente.

Abstract:

The city of Santa Cruz do Sul is located in central Rio Grande do Sul (Brazil's southernmost state). It is nationally known by the region's tobacco growers-industry interrelationship, as well as for being a development hub in the region known as the Vale do Rio Pardo. It is also well known for its predominant Germanic identity discourse, since that region was a major destination for German immigrants to southern Brazil. Thus, this paper proposes a reflection upon the mechanisms involved in the construction of a Germanic ethnic discourse – in the case of historical records and the local written press – and its consequences on the local African-descendant community, aiming to identify

the ways by which conflicts, social practices, negotiations and experiences of said community are articulated around discourse networks and the aforementioned social practices that act directly upon subjectivization processes as well as on the representation of such subjects in relation to their sense of belonging of that community.

Keywords: Santa Cruz do Sul; Germanic identity discourse; African-descendant community.

Introdução

O processo histórico de colonização/imigração teuto que se estabeleceu a partir de 1849 com a fundação da Colônia de Santa Cruz é tema amplamente explorado por estudiosos que, por sua vez, difundiram a ideia de inexistência ou da reduzida participação do negro na história regional. Esta argumentação esteve fundamentada em pesquisadores acadêmicos e diletantes que afirmaram em suas obras ser Santa Cruz do Sul produto quase que exclusivo do trabalho dos imigrantes de origem européia. Em razão disto, a presença e a própria participação do negro na história e na sociedade santa-cruzensa foi invisibilizada.

Dessa forma, este artigo propõe uma reflexão sobre os dispositivos envolvidos na construção da narrativa historiográfica regional e da imprensa escrita, bem como os seus desdobramentos junto aos sujeitos afro-descendentes residentes neste município, tentando assim, verificar como os conflitos, as práticas, as negociações e as experiências deste grupo estão articulados em torno de redes discursivas e práticas sociais que atuam diretamente no processo de subjetivação e representação desses sujeitos em relação a história, a memória e as suas identidades nesta região.

O texto foi estruturado em três partes. Na primeira, a partir de uma discussão teórica de conceitos como história, memória e identidade problematiza-se a forma como a historiografia regional legitima os discursos identitários configurando as possibilidades de pertencimento dos diversos grupos sociais e étnicos que formam a comunidade santa-cruzensa. Na segunda, o objetivo consiste em apresentar alguns posicionamentos acerca da imprensa escrita, de Santa Cruz do Sul entre os anos de 1970 a 2000, nomeadamente o jornal de maior circulação da região, a Gazeta do Sul², ou seja, o propósito é identificar as implicações discursivas na construção dos espaços sociais de representação e de existência para a comunidade afro-descendente no município.

Na terceira, a partir do método da história oral, através de entrevistas semi-estruturadas³ aplicadas junto à comunidade afro-descendente residente em Santa Cruz do Sul analisam-se as implicações da produção historiográfica regional nos discursos acerca dos processos de pertencimento identitário destes sujeitos, isto é, as narrativas da comunidade afro-descendente

permitem estabelecer os nexos entre a construção historiográfica e da imprensa escrita e o estabelecimento dos espaços simbólicos de subjetivação destes atores sociais.

1.1 Problematizações acerca da história oficial

Para o sociólogo Max Weber, são chamados de grupos étnicos aqueles grupos que nutrem uma crença subjetiva em uma comunidade de origem, fundada nas semelhanças de aparência física ou de costumes, ou das duas coisas, ou devido a reminiscências da colonização/imigração. Assim, uma comunidade é definida como étnica "quando é sentida subjetivamente como característica comum" pelos seus membros (WEBER, 1994, p. 267). Nesse caso, a percepção de uma identidade está diretamente vinculada a ideia de memória, ou seja, memória e identidade não são estruturas fixas e monolíticas, mas representações e construções da realidade articuladas nas relações de poder e que sustentam-se subjetivamente, no tempo e no espaço.

A memória, conforme Halbwachs (2004, p. 48), pode ser um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes. No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais frequentemente, em contato com ele. Nesta direção, Pollak destaca a estreita relação entre a memória e o pertencimento identitário:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si [...] Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.. (POLLAK, 1992, p. 5)

É importante ter presente que história e memória não são sinônimos. Segundo Félix (2004, p. 42), a memória é aberta e em permanente evolução e liga-se à repetição e à tradição, sacralizando o vivido do grupo social, a história, ao contrário dessacraliza a memória, constituindo-se em representação do passado, através do distanciamento, da problematização, da crítica, e da reflexão sobre as memórias. Nesta mesma perspectiva, Paredes destaca que “a história trata os fatos memoriais do passado através de uma atitude que busca ao máximo a objetividade científica, ao passo que a memória se reveste de subjetividade”, ou seja, “se por uma

lado a história procura ordenar os fatos do passado, a memória por sua vez, é permeada pela desordem das paixões e dos afetos” (PAREDES, 2002, p. 111).

No caso de Santa Cruz do Sul, a partir das considerações acima, pode-se afirmar que as narrativas legitimadoras da identidade cultural do município estão calcadas numa historicidade sempre aberta a interpretações, ao diálogo e a problematizações. Segundo Meyer (2000, p. 40), a história não é uma instância em que se registra a verdade dos fatos, acontecimentos, sua evolução e transformação, de forma uniforme, neutra e definitiva. Sua escritura está articulada com interesses e necessidades bem concretas e específicas, o que faz dela um campo conflituoso, aberto a múltiplas leituras e interpretações; um campo que está ativamente implicado com a produção de saberes e significados históricos acerca de um passado que melhor responda às necessidades, de várias ordens, postas pelo presente.

Diante disso, é oportuno dizer que não se resgata o passado, este não se encontra perdido em um tempo distante. A forma que a história adquire no presente, associa-se aos saberes que orientam o trabalho do historiador que, por sua vez, estão carregados de uma carga considerável de subjetividade. Não é por outro motivo, que cada presente reivindica para si uma versão do passado. Nesse caso, a história regional, feita por historiadores, profissionais diletantes e áreas afins, sobre a imigração/colonização alemã em Santa Cruz do Sul é tema que, na maioria das vezes, se manteve circunscrita a grupos de pessoas oriundas das próprias áreas de colonização, grande parte destes, motivados por uma visão essencialista da história. Daí por que, a forma como estas obras foram construídas indicam a presença de uma narrativa muito próxima de uma visão folclorizada sobre o passado⁴.

Hobsbawm e Ranger (1984) denominaram este processo de “invenção de tradições”. Para estes autores, em determinados contextos sociais, o passado passa a ser referenciado através de formalizações e ritualizações, mesmo que apenas pela imposição da repetição. Assim, as culturas são instigadas a voltarem às glórias passadas, remetendo-se a discursos que caracterizam a nação como grandiosa, restaurando, desta forma, as identidades que ficaram no passado.

Este fenômeno, para Oliven é essencialmente político em sua definição e articula-se mobilizando sentimentos coletivos.

A evocação da tradição – entendida como um conjunto de orientações valorativas consagradas pelo passado – se manifesta frequentemente em épocas de processos de mudança social, tais como transição de um tipo para outro de sociedade, crises, perda de poder econômico e/ou político, etc. Nesse momento, além de se estudar o folclore, as tradições são inclusive inventadas. (OLIVEN, 2006, p. 28).

No caso de Santa Cruz do Sul, a década de 1970 é paradigmática neste sentido, pois o município apresenta grandes transformações sociais, políticas e econômicas ocasionadas por um

intenso processo de urbanização, acompanhado por um considerável crescimento demográfico, decorrência do grande fluxo de migrantes vindos de municípios vizinhos e do interior do município, motivados pela perspectiva de trabalho no setor fumageiro que se encontrava em plena ascensão econômica. Neste contexto, algumas estratégias foram articuladas pelo Poder Público Municipal de invenção de uma “tradição germânica” para a cidade.

Neste sentido, inventar um novo ser alemão, naturalizando uma identidade, com a adoção de mecanismos de defesa (folclore) e agregação de sentimentos comuns, foram alguns dos fatores predominantes na sociedade santa-cruzensa. Agrega-se a estas questões, o fato de a cultura alemã ter sido reprimida e impossibilitada de ser manifestada, especialmente após os acontecimentos da Campanha de Nacionalização e da Segunda Guerra Mundial, quando os imigrantes e descendentes foram impedidos de cultivar aspectos culturais da região de origem⁵.

A par disto, o conjunto de características comuns que nortearam a maior parte destes trabalhos acerca da colonização/imigração alemã em Santa Cruz do Sul, é recorrente a ética do trabalho como ferramenta fundamental do espírito empreendedor e associativo, a moralidade e a higiene (limpeza) na vida cotidiana, o mito do pioneirismo como matriz genealógica da comunidade e o diferencialismo étnico estruturado em discursos contrastivos da identidade cultural hegemônica. Estes eixos articulados e inter-relacionados numa rede de significados míticos permitem a configuração de um imaginário comum.

No caso do pioneirismo imigrantista, Seyferth (1994, p. 19) indica que em algumas publicações, o pioneirismo dos colonos, é comparado ao papel dos bandeirantes paulista no povoamento do interior do país. A imagem que emerge dessa comparação é a do colono pioneiro, com ampla capacidade de trabalho derivado de sua condição étnica, que criou um mundo civilizado cercado pela barbárie cabocla. O caboclo aparece como sinônimo de (luso)brasileiro e definido por um conjunto de características estigmatizantes atribuído, em parte, à mestiçagem desregrada e à inferioridade racial de negros e índios. Os brasileiros são caracterizados por malandros, atrasados, descuidados e beberrões, conforme demonstra esta passagem:

Nas zonas interioranas, via de regra o elemento luso ficou marginalizado, inclusive economicamente; pois não conseguiu alcançar a produtividade e a prosperidade do colono alemão. Atitudes discriminatórias foram eventualmente tomadas pelos colonos alemães com relação aos elementos de cor, a quem muitas vezes atribuíam defeitos como a preguiça, a pouca preocupação com a economia, o desleixo. (KIPPER, 1979, p. 43)

Os autores que escreveram acerca da temática da imigração/colonização alemã, comumente se referem à cultura “teuto-brasileira” como sendo uma reprodução de um conjunto

de tradições que os imigrantes germânicos trouxeram na “bagagem”, desde sua terra de origem. A tradição germânica é colocada como um elemento praticamente natural da cultura. A ideia de manutenção dos valores culturais dos antepassados é abordada num sentido claramente essencialista. Assim, a imigração serve como mito fundador, é o tempo pedagógico que liga o presente e o passado da cidade a um projeto de devir histórico, e decreta as fronteiras entre o “nós” e “eles” os de “dentro” e os de “fora”.

A revista REDES, em número especial alusiva aos 150 anos de Colonização Alemã em Santa Cruz do Sul, editada em 1999 e composta de 7 artigos, encontram-se termos utilizados pelos autores como: “valor a educação”, “herança cultural”, “preservação de valores”, “características herdadas dos antepassados”, entre outros. Nestes textos, os autores apresentam como pano de fundo, aspectos culturais da identidade germânica, como se estes, fossem estanques e homogêneos, ou seja, essencialistas e naturalizados. A par disso, vale citar uma passagem de um artigo que tem como objetivo a manutenção da língua alemã entre os descendentes de imigrantes:

Quero lembrar os leitores da importância dessa língua específica, existente no sul do Brasil. Quero também fazer um apelo para que o alemão brasileiro possa sobreviver e existir mais décadas e séculos nestas regiões. A tarefa é estimar a língua e, sobretudo, continuar ou começar a falar, sensibilizar cada geração de novo nesse dialeto vivo e tentar estimular e motivar a aprender a língua padrão, sem esquecer o dialeto. Se essa língua alemã daqui desaparece, também a cultura alemã transmitida desde o século passado, vai desaparecer um dia. (GÄRTNER, 1999, p. 88.)

Conforme a citação nota-se uma considerável ênfase dada por Gärtner na preservação e transmissão da língua alemã, ou seja, a autora advoga a necessidade de preservação da língua, sendo esta uma ferramenta importante para a preservação da cultura. Entretanto, segundo Meyer (2000, p. 53) a língua está longe de ser somente um veículo que permite ter acesso a um sentido fixado de forma inerente e duradoura a coisas, pessoas ou a eventos, ou de ser um meio que transmite, com transparência e neutralidade os significados que se pretende expressar. Para a autora, a língua é, sobretudo, um meio privilegiado pelo qual se atribui sentido ao mundo e a nós mesmos, é aquilo que se reconhece como sendo o real ou a realidade, ao mesmo tempo em que produz os sujeitos que nela estão implicados.

Para Pierre Bourdieu (2001), a defesa da língua/dialeto representa a procura de critérios objetivos de definição de uma identidade regional/étnica. Segundo Bourdieu na prática social, estes critérios são objeto de representações mentais, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos de representação. Estas estratégias, por sua vez, estão interessadas na manipulação simbólica que tem em vista determinar

a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores. Nas palavras do autor:

As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer a respeito de prioridades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo. (BOURDIEU, 2001, p. 113).

Não por outro motivo, que Seyferth (2007), ao analisar a Campanha de Nacionalização no período do Estado Novo, afirma que chegar até o lar era a prioridade dos nacionalizadores, pois estavam ali os sinais diacríticos⁶ da etnicidade germânica, começando pela língua materna aprendida com as mães e avós. Segundo a autora:

Veículo de comunicação, a língua tornou-se um marcador da identidade coletiva para todos os imigrantes e primeiras gerações de descendentes, particularmente no caso dos alemães que, simbolicamente, equacionaram lar e pátria através do termo Heimat. Derivado de lar (Heimat), é o lugar por excelência da afirmação da identidade nacional desde os tempos do romantismo (no início do século XIX). No Brasil, o uso da língua e seu aprendizado em casa, tornou-se a base dos enunciados de uma identidade alemã-brasileira (ou teuto-brasileira), verificada na literatura produzida em língua alemã (até sua proibição durante a campanha de nacionalização) – na qual as mulheres autoras tem tanto destaque quanto os homens-, nas matérias sobre a germanidade veiculadas em jornais e outros periódicos. (SEYFERTH, 2007, p. 05)

Assim, o mito civilizador do imigrante, bem como a língua, a coragem e o trabalho, são os sinais diacríticos reivindicados frente a outros grupos étnicos que deram origem ao povo santa-cruzenso, o afro-descendente, o luso-brasileiro e o indígena. Desta forma, a historiografia regional cumpre um papel importante na construção da narrativa de pertencimento identitário, caracterizando-se por um instrumento pedagógico privilegiado na evocação de uma identidade étnica como triunfo civilizatório, legitimando assim as narrativas de pertencimento por exclusão e contraste.

Nessa perspectiva, entende-se que a narrativa identitária na qual se produziu a cultura germânica em Santa Cruz do Sul está estruturada em torno de algumas dicotomias ou oposições binárias básicas que, por sua vez, estão carregadas de conceitos hierarquizadores como: alemão/brasileiro; limpo/sujo; trabalhador/indolente. Ademais, a história de Santa Cruz do Sul é estruturada a partir do marco de chegada dos 12 primeiros imigrantes em dezembro de 1849, entretanto, o local não era um vazio histórico e demográfico. A região já possuía relações de sociabilidade, com atores sociais (luso-brasileiros, afro-descendentes, índios, caboclos) e relações

de poder. Assim a colonização/imigração alemã na região não se fez a partir do nada, mas, sobretudo, no contato estabelecido com outros grupos, num sentido que transcende e complexifica a simples noção de uma cultura fixa e homogênea.

Menezes (1914), que publicou uma das primeiras obras sobre a história de Santa Cruz do Sul, indica que estes primeiros imigrantes foram recebidos por João de Faria Rosa, proprietário das terras que foram repassadas aos estrangeiros europeus. Destaca, ainda, que este sesmeiro residia na casa que era de seu avô, também chamado, João de Faria Rosa que, por sua vez, possuía nacionalidade portuguesa e foi o primeiro morador do Faxinal que acabou recebendo o seu nome, isto é, o Faxinal do João Faria, local onde se encontra o atual núcleo urbano de Santa Cruz Sul. Nesse caso, vale citar o trecho em que o autor aponta estas relações e caracteriza a diversidade étnica presente na região, na primeira metade do século XIX:

Quando chegaram os primeiros colonos ainda existia o sobrado que fora a residência de Rosa [...] Rosa, para resguarda-se das investidas dos bugres, então muito abundantes, fizera cercar a sua morada pelos ranchos de seus numerosos escravos. Era o sobrado feito de madeira, mas coberto de telhas de barro. Morava então no sobrado, que serviu também para alojamento daquelles colonos, João de Faria Rosa, neto do precedente [...] João de Faria, como era mais conhecido, transportou esses primeiros colonos até o lugar dos lotes que lhes eram destinados na então Picada do Abel (MENEZES, 1914, p. 19).

A partir desta citação, pode-se notar que há, por parte da historiografia regional, uma resistência para com grupos já estabelecidos ou mesmo que participaram do processo histórico de desenvolvimento do atual município. A mística do pioneiro, do primeiro colono ou imigrante, seus valores estruturais para a civilização e as tradições trazidas na “bagagem”, constituem os “valores” referenciais. Para Meyer (2000) é necessário pensar em identidades culturais e em culturas sendo produzidas nas relações de sociabilidade e poder, através do contato político, social e pessoal mais intenso com luso-brasileiros, negros e outros grupos culturais. Isso supõe trabalhar com a ideia de diferentes identidades no interior do grupo, convivendo no mesmo espaço, ao mesmo tempo e ao longo do tempo, e implica a necessidade de historicizar essas identidades, situando-as nos contextos em que elas foram produzidas e modificadas.

É importante ter presente o fato de que, da mesma forma que a historiografia regional subestima a presença de outros grupos étnicos na formação de Santa Cruz do Sul, segundo Oliven (2006, p. 71) a historiografia tradicional do Rio Grande do Sul igualmente desdenha a presença do negro e do índio na formação da identidade gaúcha, ao contrário do que ocorreu no resto do Brasil a partir da década de 1930⁷. Outro dado importante, apontado por este autor, e que também merece ser comparado à história regional, refere-se ao fato de que é comum

historiadores tradicionais se referirem ao “território rio-grandense nos primórdios da colonização ibérica como ‘terra de ninguém’” (OLIVEN, 2006, p. 70).

A partir desta discussão, utilizar-se-ão no próximo tópico do artigo entrevistas semi-estruturadas com a comunidade afro-descendente residente em Santa Cruz do Sul, com o objetivo de analisar a biografia destes sujeitos através da história oral verificando o impacto da narrativa identitária regional em suas trajetórias sociais e suas recriações culturais, bem como nas estratégias de afirmação identitária.

1.2 Memória e Identidade na Voz da Comunidade Afro-Descendente Residente em Santa Cruz do Sul

As últimas décadas do século XX e os primeiros anos do século XXI estão marcados por uma quantidade significativa de pesquisas nas ciências humanas e sociais sobre temas como, discriminação, preconceito e desigualdades entre brancos e negros no Brasil. Nesse contexto, verifica-se um intenso debate em torno de conceitos como identidade étnica, políticas afirmativas, comunidades quilombolas, cultura negra, entre outros. Esse processo tem tido o mérito de reavivar o debate acerca da formação do povo brasileiro e das dificuldades de criação de políticas públicas, que levem à superação das desigualdades históricas provocadas pelo escravismo e o racismo no país.

De igual forma, atenção para fenômenos regionais de construção identitária se tornaram um campo privilegiado de análise para as relações de pertencimento e diferenciação entre grupos étnicos e culturais diversos. Neste sentido, pretende-se neste tópico, analisar o processo de formação identitária da comunidade afro-descendente residente em Santa Cruz do Sul, verificando como os conflitos, as práticas, as negociações e as experiências deste grupo estão articuladas em torno de redes discursivas e práticas sociais que atuam diretamente no processo de subjetivação e representação desses sujeitos. O método empregado na pesquisa foi o da história oral⁸, através de entrevistas semi-estruturadas aplicadas junto à comunidade negra santa-cruzensa totalizando um número de 16 amostragens

As entrevistas realizadas com os membros da comunidade afro-descendente residentes em Santa Cruz do Sul fornecem condições de avaliar de que forma estes sujeitos articulam suas representações identitárias e como essas representações atuam no próprio processo subjetivação desses sujeitos. As entrevistas são consideradas a partir de linhas temáticas o que permite confrontar os discursos dos sujeitos com as narrativas identitárias produzidas pela historiografia regional.

No que diz respeito às características do município, as respostas apontam, invariavelmente, em primeiro lugar, para a cultura germânica e seus “aspectos correspondentes”, como as festividades, a limpeza, o trabalho, entre outros. Como exemplo, destaca-se a resposta do entrevistado de nº 2:

“Pra mim, é uma cidade que eu gosto demais. Já tive pelo Rio Grande a fora, em vários lugares, entendeu, mas aqui é uma cidade que pra mim é muito boa e, no caso, a característica dela seria as amizades que eu tenho com branco, preto, amarelo, com rico, com pobre, sabe [...] porque em tudo que é lugar, tem gente que presta e que não presta, mas, pra mim, no meu caminho em todos esses anos que eu tô aqui na cidade, foi mais gente boa do que ruim que pintou e a característica da cidade aqui é a cidade de um povo trabalhador pra caramba. Esse povo germânico eles, tão ali morrendo aí e tão pegando, [...] tu nota aqui nessa cidade uma característica muito interessante é no modo do povo, um povo assim muito limpo, muito caprichoso”[...]⁹.

À mesma pergunta o entrevistado de nº 8 se manifesta da seguinte forma:

“[...] a característica de Santa Cruz pra mim é muito progresso, porque Santa Cruz é uma coisa antes de 60 e pós 60. Santa Cruz deu um salto muito grande e é uma cidade boa de viver, uma cidade limpa: já foi mais limpa do que está, mas é uma cidade ótima. Eu que conheço este país, acho que Santa Cruz é uma das melhores cidades que tem pra viver, independente de raça, independente de situação financeira: é uma cidade muito boa”¹⁰.

Verificam-se alguns aspectos bastante comuns nas duas falas: o discurso acerca da limpeza, do trabalho e do progresso do povo e da cidade de Santa Cruz do Sul diferindo de outros lugares do estado e do país. Nesse caso, a narrativa dos entrevistados reproduz o discurso de naturalização identitária acerca das qualidades do povo e da cidade, aspecto observado na historiografia regional. Além disso, os entrevistados enfatizam o prazer de residir em Santa Cruz do Sul, independentemente de aspecto social, econômico, cultural e “racial”. Diante desse quadro, as falas configuram um imaginário caracterizado por relações “raciais” harmônicas e não conflituosas, ou seja, ambos os discursos legitimam o mito da democracia racial no Brasil.

Quando questionados de que forma as pessoas avaliam o fato de Santa Cruz ser reconhecida como uma cidade germânica, as respostas apontam, na maioria dos casos, como algo legítimo:

Olha, eu avalio normal, porque é mesmo uma cidade que foi colonizada pelos alemães e a grande parcela é alemães, então eu acho normal”¹¹. “Não sei, eu aceito bem. Pra mim não da nada, eu aceito bem De certo era pra ser assim, porque lá o que eles fizeram, para mim tá bom, não me afeta”¹². “Por ser uma cidade de origem alemã, também, eu acho que tá certo, isto ai na minha ideia é ótimo, o meu ponto de vista é ótimo, no meu modo de pensar, não sei me expressar melhor ainda”¹³. “É tudo de origem alemão, que, vieram lá da Alemanha e fundaram a cidade e, como é a história deles ai, sei lá porque o meu

estudo não vai até lá, mas tudo que se refere a Santa Cruz do Sul se refere ao povo germânico”¹⁴. “Essa parte que eu acho certa, foi fundada e registrada. Nessa parte, nada eu posso dizer ao contrário, tenho que acreditar”¹⁵. “Acho que ela é uma cidade germânica por ter tantos alemães, até por que tem uma cultura, então é uma cidade germânica por que tá preparada para isso”¹⁶.

Constata-se claramente o processo de subjetivação em relação à memória e à história de Santa Cruz do Sul. Notam-se dois tipos de atitude, em especial: A primeira, é de se destacar a história de Santa Cruz do Sul como sendo uma história do “outro”, isto se verifica através da utilização de termos que se referem aos imigrantes alemães, desta forma: “o que eles fizeram”; “como é a história deles”. A segunda demonstra conformidade, ou, “desinteresse” na discussão acerca de Santa Cruz do Sul ser reconhecida como uma cidade germânica. Para tanto, destaca-se a dificuldade que os entrevistados têm em abordar o tema e problematizar o fato de Santa Cruz ser reconhecida como uma cidade germânica.

Outra resposta merece destaque, acerca da pergunta, sobre o fato de Santa Cruz ser reconhecida como uma cidade germânica, conforme a entrevista de nº 7:

“Ah por causa dos alemães, de origem alemão, os imigrantes que predominam, querendo ou não, predomina. Na colônia é tudo alemão e aqui na cidade também, se bem que os que não são de origem alemã, a maioria aqui vêm de fora à procura de trabalho: mas se é daqui, o progresso é um problema prá raça germã

Segundo a fala da entrevistada, Santa Cruz se caracteriza por ser uma cidade alemã tanto no interior como no meio urbano. Além disso, afirma que aqueles que não são de descendência germânica, são considerados, na sua grande maioria, forasteiros, isto é, de outros municípios, o que por sua vez, “é um problema para a raça germânica e para o progresso de Santa Cruz do Sul”. Nota-se na fala da entrevistada, que esta assume a posição historicamente herdada de “migrante” e “marginal”.

Elias e Scotson (2000) destacam que, com frequência, a estigmatização de grupos que estão numa situação de *outsiders* gera implicações de inferioridade e desonra nos sujeitos do próprio grupo excluído. Segundo os autores, os mais “antigos” muitas vezes conseguem impor aos recém-chegados a crença de que estes são inferiores ao grupo estabelecido, não apenas em termos de poder, mas também “por natureza”. Essa subjetivação da crença depreciativa que o grupo socialmente superior consegue imprimir no grupo socialmente inferior reforça vigorosamente a superioridade e a dominação do grupo *estabelecido*. (ELIAS, SCOTSON, 2000, p. 175).

Neste mesmo enfoque, o entrevistado de nº1 quando questionado sobre o mesmo assunto, fala:

“Porque ela foi praticamente colonizada pelos alemães que vieram aí, desbravaram todos esses penhascos e morros de Santa Cruz, mas, no meio, deste tempo, teve muito o braço do negro junto com eles, trabalhavam pra eles. Eu acho que eles foram os pioneiros mesmo, foram os pioneiros aqui em Santa Cruz do Sul aí depois é que veio os negros para trabalhar para eles, porque, aqui em Rio Pardo, existia escravos que eram comercializados com os colonos de Santa Cruz que iam lá buscar os escravos para trabalhar aqui. Eu acho que, nesta leva, o meu avô também veio junto com o pai dele que também foi escravo”¹⁷.

Na narrativa acima, chama atenção que o entrevistado estabelece os imigrantes alemães como “pioneiros” e “desbravadores”, enquanto que o negro é lembrado como alguém que veio depois, para trabalhar para os colonos. Além disso, faz referência ao bisavô, que era escravo e que provavelmente tenha sido comercializado com os primeiros imigrantes alemães. Dessa maneira, é importante destacar que este discurso demonstra a necessidade de novas pesquisas que apontem para novas formas de organização, de sociabilidade, de relações interétnicas, que identifiquem a presença de negros (escravos, livres e forros) enquanto partícipes da vida econômica, social, política e cultural de Santa Cruz no século XIX, já que houve um processo de invisibilização da presença negra por parte da historiografia regional, que se limitou a adotar como ponto de partida em suas pesquisas as proibições legais à prática da escravidão nas áreas de colonização.

Quanto ao papel do negro na formação e desenvolvimento do município, os entrevistados apontam na sua quase totalidade para o trabalho manual e “inferior”. O entrevistado de nº 8 em sua resposta salienta que o papel do negro na formação e desenvolvimento do município esteve ligado principalmente à mão de obra que, por sua vez, foi esquecida. Depois comenta que a abolição da escravatura foi, em determinados casos, pior para o negro e, por fim chama, a atenção para o contraste entre as regiões sul e norte do estado do Rio Grande do Sul:

“Bom, em primeiro lugar eu acho que o primeiro papel do negro no desenvolvimento do município foi a mão de obra negra. O negro contribuiu muito, o negro batalhou muito por este município, só que o que aconteceu em Santa Cruz, aconteceu no Brasil inteiro. Em certas situações a libertação dos escravos ficou uma coisa pior do que quando eles eram escravos, porque não deram nada. Hoje em dia tu trabalha em qualquer lancheria, tu tem os teus direitos e até porque o domínio do Brasil nessa região aqui tava nas mãos de descendentes de portugueses. Isso foi uma coisa que atrapalhou um pouquinho, pela mão de obra, porque tu vai encontrar uma diferença muito grande no que é o Rio Grande do Sul e o que é o Rio Grande do Norte, porque essa região aqui, diga-se de passagem, se não fosse a mão de obra italiana e alemã, seria uma tristeza.”¹⁸.

No caso da resposta acima, duas questões merecem destaque. A primeira é quando o entrevistado comenta que “em certas situações a libertação dos escravos ficou uma coisa pior do que quando eles eram escravos”. Nota-se aqui, um discurso conservador que considerava o

escravismo no Brasil como algo leve, que a escravidão realmente não foi tão cruel e que, em determinados casos, seria melhor ser mantido pelo sistema do que ter a liberdade, ou seja, que a condição de homem livre ficou pior que a de escravo. Na segunda, o entrevistado faz uma distinção entre a região norte e a região sul do estado. Fica evidente o imaginário acerca da ética do trabalho e do desenvolvimento do povo alemão e italiano na região norte, contrastando com a região sul, caracterizada pela colonização portuguesa, pelo subdesenvolvimento e pelo trabalho escravo.

É preciso notar que Santa Cruz do Sul, desde o final da década de 1970, se constitui num espaço significativo para análise de políticas e eventos multiculturais. Neste sentido, destacaram-se algumas atividades da comunidade afro-descendente como é o caso da “*Boneca café*”¹⁹ e da “*Miss Mulata*”²⁰, eventos que precederam ao concurso *da Mais Bela Negra*²¹ que no ano de 2007 teve sua 24ª edição. A 1ª edição aconteceu no ano de 1983, um ano antes da realização da 1ª *Oktoberfest*²². Além desses, destaca-se também o *ENART*²³ que é realizado anualmente e que teve sua 1ª edição no ano de 1986, e mais recentemente O *FELAPE*²⁴ que realizou sua primeira edição em 2006.

Neste caso, percebe-se na maioria das entrevistas, uma visão otimista e orgulhosa pelo fato de o concurso da mais bela negra do estado do Rio Grande do Sul ser realizado em Santa Cruz do Sul. As respostas indicam que este evento fortalece a identidade negra na cidade e ajuda a elevar a auto-estima do negro. Este posicionamento se reflete na entrevista de nº 16: “Isso aí eu gostei porque aí já tá no meu ponto de vista valorizando a cor negra, então isso aí foi uma coisa que eu sempre disse que isto aí tá certo, porque só branca, só branca, se tem bastante negra em Santa Cruz, por isso eu achei muito boa esta ideia”²⁵.

Na mesma direção a entrevistada de nº 4 responde:

“Olha, um fato bem curioso. Até a gente tava conversando de elogiar o trabalho deste pessoal que faz a escolha do mais bela negra, porque é um concurso que tomou uma força tamanha, eles estão fazendo há mais de 15 anos, então é um evento que vem crescendo, cada vez mais forte e é pra mostrar que Santa Cruz tem negros e que se faz concursos pra negras, e que tem a cultura afro aqui. Então eu acho muito bom, é surpreendente mesmo”²⁶.

Notam-se categoricamente, nestes discursos, as fronteiras culturais e as armadilhas que uma política multicultural configura. Silva (2006, p. 08), chama a atenção para o fato de que o multiculturalismo se estrutura como uma política baseada na ideia de tolerância, de aceitação dos “outros”, desde que sejam mantidas as suas fronteiras culturais, devidamente demarcadas. Diante disso, o essencialismo identitário e a tendência à naturalização da cultura, são características que, por sua vez, permitem a definição de fronteiras culturais/étnicas internas na comunidade, como é o caso escolha da mais bela negra do Rio Grande do Sul e a escolha da rainha da oktoberfest.

Entretanto, segundo o autor, “não se permite que uma negra seja eleita rainha da oktoberfest, majoritariamente são escolhidas mulheres loiras, estereotipadas como descendentes germânicas”. O mesmo fenômeno ocorre com mulheres negras “fantasiadas” de africanas, no concurso da mais bela negra do Rio Grande do Sul.

De fato, o multiculturalismo, enquanto política de convívio e tolerância com as diferenças, fundamenta-se num jogo de relações de poder e submissão, sendo uma política demarcadora de fronteiras culturais, sobretudo por tratar “as culturas” de forma essencializadas, além de ser um mecanismo poderoso de controle da alteridade. Em razão disso, pode-se inferir que o reconhecimento de manifestações culturais provenientes da comunidade afro-descendente em Santa Cruz do Sul, não implicam necessariamente, em resultados na construção de condições concretas de sua afirmação no jogo político. A questão não se localiza no reconhecimento, mas, sobretudo, na possibilidade de participar do jogo democrático do poder.

Considerações Finais

A história de Santa Cruz do Sul é caracterizada pelo discurso ufanista do pioneirismo alemão. Na concretização desta representação, a historiografia regional se revelou um mecanismo estratégico utilizado na ordem da narrativa identitária germânica. Neste caso, a epopéia civilizatória, de meados do século XIX que, parte de um vazio histórico/demográfico, serve como marco inicial de hábitos e costumes construídos em um mito de origem estruturado na etnicidade teuta. No entanto, algumas fontes e pesquisas demonstram que desde meados do século XIX, quando chegaram os primeiros imigrantes, já se faziam presentes na região: afro-descendentes; índios; caboclos e luso-brasileiros.

Na primeira metade do século XX, o desenvolvimento proporcionado pela urbanização e industrialização possibilitou novas formas de sociabilidade e relações interétnicas no município. Este processo é incrementado a partir da década de 1970 quando, Santa Cruz do Sul torna-se pólo de atração para migrantes em decorrência de seu acelerado crescimento econômico, favorecido pela internacionalização econômica do setor fumageiro. Esta demanda de mão-de-obra resultou num fluxo migratório interno, do meio rural para o urbano, e externo, de outras cidades para Santa Cruz do Sul. Contudo, se por um lado as empresas, em especial as fumageiras, precisavam de trabalhadores, por outro, a cidade não possuía uma infra-estrutura capaz de comportar este crescimento demográfico.

O lugar destinado aos migrantes, ou seja, aos “outros”, foram os bairros periféricos da cidade, num processo de segregação social e espacial. Nesse cenário, a periferia se constituiu, enquanto espaço estereotipado e fronteiro, demarcador de relações simbólicas e práticas sociais

de grupos que não se encaixavam aos padrões idealizados pela sociedade santa-cruzeira. Além da estigmatização deste “outro”, a invenção de uma “identidade alemã” como forma de defesa frente à alteridade, foi uma das estratégias principais de manutenção do poder por parte de grupos tradicionais no município. Nesse contexto é construído os enunciados de uma política multicultural que tolera o “outro” desde que sejam mantidas as fronteiras culturais e étnicas bem demarcadas.

Nas entrevistas com a comunidade afro-descendente nota-se que houve, por parte dos sujeitos entrevistados, um processo de subjetivação acerca de valores naturalizados nas narrativas identitárias da região. De fato, os discursos acerca da história, do trabalho, do desenvolvimento, da limpeza, do povo e da cidade de Santa Cruz do Sul revelaram posições muito próximas das legitimadas pela historiografia regional.

Por iguais razões, um outro posicionamento frequente desta comunidade é que estes sujeitos se reconhecem como “outro”, isto é, estranhos, forasteiros e migrantes. Vale notar que o processo de subjetivação dos afro-descendentes a partir de uma narrativa étnica e cultural externa contribuiu efetivamente para a criação de uma consciência *outsider*. É assim que os sujeitos afro-descendentes acabam por se posicionar dentro do discurso dos estabelecidos, constituindo uma aceitação da condição de inferioridade social.

As narrativas dos sujeitos afro-descendentes demonstram, também, que há uma identificação “racial” muito forte entre a comunidade negra residente em Santa Cruz do Sul, acerca de iniciativas multiculturais como forma de mobilização e afirmação identitária. O concurso da mais bela negra é um exemplo de espaço de convivência já sedimentado e naturalizado e que caracteriza a expressiva demarcação étnica através de códigos simbólicos específicos deste grupo.

Portanto, este artigo pretende contribuir nas discussões das chamadas identidades regionais, bem como nas relações de sociabilidade de determinados grupos étnicos, fundamentais na perspectiva de se pensar a alteridade, haja vista que problematizar a historiografia regional nas zonas de colonização/imigração alemã é ponto central para a reflexão acerca dos espaços e das possibilidades de visibilidade e reconhecimento de grupos aliçados do discurso hegemônico, como é o caso dos afro-descendentes em Santa Cruz do Sul.

Bibliografia

- ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da história**. PINSKY, Carla, Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2006, p. 155-203.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória**: a problemática da pesquisa. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

GÄRTNER, Angelika. O Alemão no Rio Grande do Sul: aspectos científicos e político-linguísticos. **Redes**. Santa Cruz do Sul, v. 4, n. especial, 1999, p.71-89.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HOBSBAWM, E. J.; RANGER, Terence [Orgs.]. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

KIPPER, Maria Hoppe. **A Campanha de Nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz do Sul**: 1937-1945. Santa Cruz do Sul: ASPEC, 1979.

MEYER, Dagmar E. Estermann. **Identidades Traduzidas**: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, São Leopoldo: Sinodal, 2000.

MENEZES, J. Bittencourt. **Município de Santa Cruz**. Santa Cruz do Sul: Typographia de Lamberts & Riedl, 1914.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OLIVEN, Ruben George. **A Parte e o Todo**: a diversidade cultural no Brasil-Nação. 2. ed. rev. amp. Petrópolis: Vozes, 2006.

PAREDES, Marçal de Menezes. **Memória de um Ser-Tão Brasileiro**: tempo, história e memória em os sertões de Euclides da Cunha. Curitiba: Juruá, 2002.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n 10, 1992, p. 200-212.

SEYFERTH, Giralda. **A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica**. MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira [org.]. **Os Alemães no Sul do Brasil** : cultura, etnicidade, historia. Canoas: ULBRA, 1994, p. 11-28.

SEYFERTH, Giralda. **Migrações do Passado e do Presente**: uma análise cruzando gênero, etnicidade e preconceitos. ST 55. PPGAS – Depto. de Antropologia. Disponível <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/G/Giralda_Seyferth_55.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2007.

SILVA, Mozart Linhares da. **Educação, Etnicidade e Preconceito no Brasil**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

SILVA, Mozart Linhares da. Identidade Cultural/Regional e Neo-Comunitarismo: o caso de Santa Cruz do Sul. **Anais do III Simpósio Nacional de História Cultural – GT Nacional de História Cultural/ANPUH**. Florianópolis: EDUFSC, 2006, p. 1-10.

SKOLAUDE, Mateus Silva. **Identidades Rasuradas**: o caso da comunidade afro-descendente de Santa Cruz do Sul (1970-2000). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

TEDESCO, João Carlos. **Nas Cercanias da Memória**: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UNB, 1994.

Fontes Primárias

JORNAIS GAZETA DO SUL: (07/04/1979, p. 16-17); (08/12/1979, p. 39); (11/11/1980, Capa); (03/10/1981, p. 28); (05/09/1987, p. 27); (24/11/1990, p. 25); (14/10/1992, p. 31); (07/11/1992, p. 30); (11/11/1992, p. 17); (10/11/1993, p.23); (05 e 06/11/1994, p. 29); (12 e 13/11/1994, p. 33); (04 e 05/11/1995, p. 34); (07/11/1997, p. 23); (10/11/1997, p. 03)

Entrevistas

- Nº 1 Entrevista realizada em 28/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Senai.
- Nº 2 Entrevista realizada em 29/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Centro.
- Nº 3 Entrevista realizada em 30/03/2007, idade do entrevistado, 88 anos, bairro: Goiás.
- Nº 4 Entrevista realizada em 02/04/2007, idade da entrevistada, 28 anos, bairro: Centro.
- Nº 5 Entrevista realizada em 04/04/2007, idade do entrevistado, 58 anos, bairro: Goiás.
- Nº 6 Entrevista realizada em 17/04/2007, idade do entrevistado, 64 anos, bairro: Senai.
- Nº 7 Entrevista realizada em 18/04/2007, idade do entrevistado, 76 anos, bairro: Senai.
- Nº 8 Entrevista realizada em 23/04/2007, idade do entrevistado, 64 anos, bairro: Senai.
- Nº 9 Entrevista realizada em 26/04/2007, idade da entrevistada, 63 anos, bairro: Bom Jesus.
- Nº 10 Entrevista realizada em 05/06/2007, idade do entrevistado, 62 anos, bairro: Goiás.
- Nº 11 Entrevista realizada em 05/10/2007, idade da entrevistada, 76 anos, bairro: Centro.
- Nº 12 Entrevista realizada em 07/10/2007, idade da entrevistada, 55 anos, bairro: Centro.
- Nº 13 Entrevista realizada em 05/11/2007, idade da entrevistada, 23 anos, bairro: Harmonia.
- Nº 14 Entrevista realizada em 10/11/2007, idade da entrevistada, 52 anos, bairro: Bom Jesus.
- Nº 15 Entrevista realizada em 03/12/2007, idade do entrevistado, 41 anos, bairro: Bom Fim.
- Nº 16 Entrevista realizada em 07/12/2007, idade do entrevistado, 51 anos, bairro: Bom Jesus.

¹ Mateus Silva SKOLAUDE

Licenciado em História, Especialista em História do Brasil e Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC- RS.

Professor de História na Escola de Educação Básica Educar-se (Universidade de Santa Cruz do Sul) e Professor de História e Sociologia na Escola de Ensino Médio Anchieta em Vera Cruz-RS.

Faz parte do grupo de pesquisa: Identidade cultural, etnicidade e educação no Vale do Rio Pardo que é vinculado a Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

² O Jornal Gazeta do Sul é o mais importante jornal da região do Vale do Rio Pardo, com circulação por todo Estado e, inclusive, fora do Rio Grande do Sul. A tiragem atual é de 18.000 exemplares diários e mais de 80 mil leitores, segundo pesquisa do Ibope. Sua criação está diretamente vinculada a extinção, em 1941, do tradicional Jornal Kolonie, editado em língua alemã, e que foi fechado em função da Campanha de Nacionalização e da Segunda Guerra Mundial. A primeira edição circulou em 26 de janeiro de 1945, nesta época o Jornal se chamava Gazeta de Santa Cruz. No primeiro ano, até dezembro, o jornal circulou com um exemplar por semana, a partir de então, passou a circular com dois exemplares semanais, até novembro de 1953, quando novamente mudou sua periodicidade, passando a circular três vezes por semana. Devido a uma série de transformações econômicas, sociais e políticas, em 1957 o jornal mudou de nome, passando de Gazeta de Santa Cruz para Gazeta do Sul. Esta mudança teve como objetivo ampliar a cobertura jornalística a nível regional. No mesmo período, o jornal passou a ter quatro

edições semanais e, logo em seguida, cinco edições, sistema que persistiu até abril de 1959, quando o número de edições foi novamente reduzido para três por semana. A partir de 1988, a Gazeta passou a circular com edição diária, de terças-feiras a sábados, consolidando-se como o jornal de maior tiragem na região. Em 1996, o Jornal acrescentou a edição de segunda-feira, completando o número de 6 exemplares semanais. Disponível em: <<http://gazeta.via.com.br/institucional/default.php#>>. Acesso em: 14 ago. 2007.

³ Sobre o roteiro de perguntas ver: (SKOLAUDE, 2008, p. 92).

⁴ É importante destacar, que Santa Cruz do Sul não é um caso isolado. Chauí (2000) indica que a historiografia constrói heróis em todas as partes do mundo, com objetivos, na maioria das vezes, de traçar uma identidade local e encontrar as raízes, a origem do mito fundador.

⁵ Dentre uma série de iniciativas articuladas neste período destaca-se: “O Concurso de Monografias” intitulado “Santa Cruz do Sul – Aspectos de sua História” criado em função do centenário de emancipação política. Este concurso foi promovido pelo Jornal Gazeta do Sul e patrocinado pela Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul que concedeu Cr\$ 40.000,00 em prêmios. O evento foi lançado oficialmente em julho de 1978 e finalizado no início do ano de 1979. O regulamento previa a realização de trabalhos inéditos sobre qualquer aspecto e época da história de Santa Cruz do Sul. Os três primeiros colocados foram premiados com uma quantia em dinheiro e com a publicação em livros das respectivas monografias pela APESC (Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul). Segundo o Presidente da Associação: “através da publicação destas primeiras obras, pretende a entidade lançar um incentivo para que outros escritores do município e da região se animem a escrever”. Para tanto, este concurso serve como marco historiográfico de reavivamento do discurso étnico enquanto lastro das narrativas identitárias da região.

⁶ Conforme Oliven (2006, p. 34), sinais diacríticos são sinais que conferem uma marca de distinção, ou seja, categorias para classificar pessoas e espaços e, por conseguinte, formas de demarcar fronteiras e estabelecer limites, que assim, funcionam como pontos de referência básicos em torno dos quais se aglutinam identidades, que por sua vez, são construções sociais formuladas a partir de diferenças reais ou inventadas.

⁷ Tal referência se torna pertinente porque a partir de 1933 com a publicação da obra, *Casa Grande & Senzala*, por Gilberto Freyre, o eixo da discussão historiográfica brasileira toma nova configuração, isto é, o vértice do debate é deslocado do conceito de raça para o conceito de cultura, permitindo um maior distanciamento entre o biológico e o cultural. Neste sentido, a grande contribuição de Freyre é ter mostrado que negros, índios e mestiços tiveram fundamental importância na formação cultural do Brasil, ou seja, ao transformar a mestiçagem num valor positivo e não negativo, o autor permitiu completar definitivamente os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo desdenhada. (MUNANGA, 2004, p. 88).

⁸ Ver: (TEDESCO, 2004; ALBERTI, 2006; FÉLIX, 2004)

⁹ Entrevista realizada em 29/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Centro.

¹⁰ Entrevista realizada em 23/04/2007, idade do entrevistado, 64 anos, bairro: Senai.

¹¹ Entrevista realizada em 03/12/2007, idade do entrevistado, 41 anos, bairro: Bom fim.

¹² Entrevista realizada em 17/04/2007, idade do entrevistado, 64 anos, bairro: Senai.

¹³ Entrevista realizada em 07/12/2007, idade do entrevistado, 51 anos, bairro: Bom Jesus.

¹⁴ Entrevista realizada em 29/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Centro.

¹⁵ Entrevista realizada em 30/03/2007, idade do entrevistado, 88 anos, bairro: Goiás.

¹⁶ Entrevista realizada em 10/11/2007, idade da entrevistada, 52 anos, bairro: Bom Jesus.

¹⁷ Entrevista realizada em 28/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Senai.

¹⁸ Entrevista realizada em 23/04/2007, idade do entrevistado, 64 anos, bairro: Senai.

¹⁹ **Jornal Gazeta do Sul** (08/12/1979, p. 39).

²⁰ **Jornal Gazeta do Sul** (11/11/1980, Capa); (03/10/1981, p. 28).

²¹ Algumas reportagens sobre a escolha da Mais Bela Negra encontram-se no **Jornal Gazeta do Sul** dos dias: (05/09/1987, p. 27); (24/11/1990, p. 25); (14/10/1992, p. 31); (07/11/1992, p. 30); (11/11/1992, p. 17); (10/11/1993, p.23); (05 e 06/11/1994, p. 29); (12 e 13/11/1994, p. 33); (04 e 05/11/1995, p. 34); (07/11/1997, p. 23); (10/11/1997, p. 03)

²² Sobre a Oktoberfest, V. SKOLAUDE (2008, Capítulo 2).

²³ “Desde 1986, o Movimento Tradicionalista Gaúcho realiza o *Encontro de Artes e Tradição Gaúcha* (ENART), um concurso de arte regionalista, com expressões como dança, música, poesia e mostra de arte tradicionalista. O evento envolve CTGs de todas as regiões tradicionalistas e divide-se em três fases eliminatórias: a regional, a inter-regional e a final. Esta, realizada em Santa Cruz do Sul, município de área de colonização alemã, atrai um público estimado, por seus organizadores, em mais de 100.00 pessoas vindas de todo o estado” (OLIVEN, 2006, p. 154).

²⁴ O FEIAP (Festival Internacional de Artes Populares) é uma realização da Federação Brasileira de Artes Populares (Febrap), com apoio da Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul e IOV/Unesco e incentivo da Lei Rouanet, do Ministério da Cultura. www.fciap.org. Acessado em 07/01/2008.

²⁵ Entrevista realizada em 07/12/2007, idade do entrevistado, 51 anos, bairro: Bom Jesus.

²⁶ Entrevista realizada em 02/04/2007, idade da entrevistada, 28 anos, bairro: Centro.